

Editorial

Ter o trabalho como princípio educativo, é mais do que ligar a educação com o trabalho produtivo de bens e serviços. Tomar o trabalho como princípio educativo é tomar a própria vida (atividade humana criativa) como princípio educativo. Vida que é luta, que implica contradições.

(Luiz Carlos de Freitas, A Escola Única do Trabalho)

Ao apresentar os sete artigos e um relato de experiência que compõem este sexto número da *Revista EJA em Debate*, periódico do Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC, afirmamos que, nas suas entrelinhas, está implícita a luta histórica da classe trabalhadora por educação, assim como está implícita a luta de um número significativo - mas não suficiente - de trabalhadores da educação, para que estes sujeitos acessem a escola e nela permaneçam.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad, 2013) nos diz que esta luta não tem sido suficiente ao apresentar números que revelam que 81 milhões de brasileiros com 18 anos ou mais de idade não possuem Educação Básica; que, entre esses, 58 milhões não possuem sequer o Ensino Fundamental; e que 13 milhões de pessoas com 15 anos ou mais de idade se auto-declararam analfabetas.

Dessa população, apenas 4 milhões de pessoas são atendidas pelos sistemas de ensino. Na contra-mão desses indicadores o Censo de 2014 informa que o número das matrículas na Educação de Jovens e Adultos vem caindo drasticamente; em relação a 2008 as reduções foram de 30,7% no ensino fundamental e 20,7% no ensino médio.

Como resposta a estes números foram escritas as metas 9 e 10 do Plano Nacional de Educação - PNE (2014-2024). A meta 9 pretende, até o final da vigência do PNE, “erradicar” o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% a taxa de analfabetismo funcional; a meta 10 determina que 25% da oferta nacional de EJA seja integrada à Educação Profissional.

É necessário ressaltar que temos mais do que o problema do acesso à educação de determinada parcela da sociedade brasileira. Além dos números negativos em relação às matrículas, temos a questão da permanência, que pressupõe uma oferta educacional adequada aos jovens e adultos trabalhadores, e sobre a qual se debruçaram os pesquisadores que ora publicamos.

A relevância dos artigos presentes nesta edição da *EJA em Debate* não está associada ao ineditismo dos resultados, mas às temáticas levantadas, como a importância de se conhecer os sujeitos, para, considerando-os para além da vida escolar, imersos nas suas práticas sociais e laborais, possibilitar uma prática pedagógica inclusiva.

O artigo intitulado **Educação de Jovens e Adultos: significado da formação** de Nadir de Fátima Borges Bittencourt do Instituto Federal do Mato Grosso (IFMT) e Maria de Fátima Pereira Alberto da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) analisou os sentidos atribuídos pelos educandos do PROEJA do IFMT à sua formação e inserção no mundo do trabalho. Para compreender esses sentidos as autoras se fundamentaram na teoria Histórico-Cultural de Vygotsky e nos Mapas de Associação de Ideias de Mary Jane Spink. As categorias analisadas foram Formação e Inserção divididas em outras subcategorias: Alcance Social do PROEJA; os Motivos do Retorno à escola; a Inserção no Mundo do Trabalho; e a Melhoria das Condições de Vida. A pesquisa mostrou que os sentidos da formação atribuídos pelos sujeitos pesquisados apontam para a consciência da importância da educação para a sua inserção no mercado de trabalho, como cidadãos produtivos e participativos, bem como para a compreensão crítica deste mercado.

Por uma Educação de Adultos Possível e Real: o Caso do Projeto Educativo de Integração Social – PEIS é o título do artigo de Andressa Luiza de Souza Mafra da Escola Municipal de Ensino Fundamental José Anchieta. O texto traz o histórico e uma pequena descrição do projeto de extensão PEIS, vinculado à Unicamp. O artigo tem por objetivo reconstruir os perfis dos alunos que frequentaram o projeto no período de 1998 a 2012 a fim de compreender as suas motivações para o retorno aos bancos

escolares. Os resultados da pesquisa mostraram que os alunos do projeto, eram até 2007, em sua maioria, casados e as mulheres representavam a maioria. A partir dessa data, o número de solteiros(as), divorciados(as) e viúvos(as) vêm aumentando gradativamente, bem como também o número de homens. A autora conclui que a maior mudança ocorrida no período analisado no que diz respeito a retomada da trajetória escolar é a motivação: o mercado de trabalho deu lugar a aquisição de uma melhor posição social que o estudo proporciona.

O perfil dos educandos também é abordado por Samuel Costa do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) e Angeluce Costa da Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina no artigo **Perfil dos educandos da primeira turma do curso PROEJA-FIC do Instituto Federal de Santa Catarina, Câmpus Araranguá – SC**. Os autores se propuseram, como expressa o título do artigo, a pesquisar o perfil dos educandos de um curso de qualificação profissional do PROEJA. Foram temas analisados pelos autores: a questão de gênero e a importância de se conhecer os sujeitos para o desenvolvimento de uma prática pedagógica que favoreça a permanência dos educandos na escola, especialmente no contexto da Educação de Jovens e Adultos.

As ideias de Vygotsky estão presentes em mais um dos artigos desta publicação no trabalho das pesquisadoras da Universidade Federal do Paraná e Universidade Estadual de Maringá, Graziela Lucchesi Rosa da Silva, Giovana Ferracin Ferreira, Jamile Rafaela do Nascimento, Mariana Rodrigues de Figueiredo e Vitória Nassar Viapiana que estabeleceram parceria para escrever o artigo denominado **Escolarização de Jovens e Adultos e Psicologia Histórico-Cultural: em Defesa da Aprendizagem que Promove a Humanização**. As autoras analisam possíveis contribuições para o processo de aprendizagem de jovens e adultos da EJA a partir da Psicologia Histórico-Cultural, que concebe a educação como um processo amplo, não restrito apenas à aprendizagem escolar, mas presente também na mediação do indivíduo com a sociedade. Um dos aspectos analisados diz respeito a influência da auto-imagem do adulto no processo de aprendizagem; outro, diz respeito às especificidades desse processo na vida adulta considerando a relação entre conceitos espontâneos e

científicos. O papel do professor na Educação de Jovens e Adultos também foi abordado pelas autoras ao enfatizarem as implicações e limitações da formação escolar na EJA para uma educação humanitária .

Rosenildo da Costa Pereira da Universidade do Estado do Pará em seu artigo intitulado **Educação de Jovens e Adultos na Amazônia: uma experiência educativa no Programa Projovem Campo Saberes da Terra**, cita uma experiência educativa desenvolvida com jovens e adultos agricultores do Estado do Pará. Tal experiência adotou a Pedagogia da Alternância que no Tempo Comunidade desenvolveu projetos Agroecológicos cujo objetivo foi produzir alimentos de alto valor nutritivo trabalhando de forma sustentável. A proposta buscou vincular o trabalho da agricultura familiar desenvolvido pelos jovens e adultos do campo à educação desenvolvida na escola, partindo da premissa de que o cotidiano do campo deve se tornar o alicerce do aprendizado escolar. O autor conclui o artigo ratificando a importância do programa PROJOVEM que, segundo ele, vem conseguindo alcançar o seu principal objetivo, qual seja, a inclusão social que proporciona escolarização com qualificação profissional.

O empoderamento freireano a partir da inclusão digital na Educação de Jovens e Adultos é o título do artigo de Bruno dos Santos Joaquim do Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos Max Dadá Gallizzi, localizado em Praia Grande - SP. O autor, que ressalta o número reduzido de trabalhos sobre esta temática no contexto da EJA, discute a inclusão digital na Educação de Jovens e Adultos como uma possibilidade concreta de conquista de autonomia, na perspectiva do conceito de empoderamento freireano. O artigo faz ainda uma reflexão sobre um aspecto comum à EJA e ao uso da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), e da necessidade de sua superação. Trata-se da perspectiva compensatória existente no modelo supletivo da EJA e da perspectiva instrumental do uso pedagógico das tecnologias.

Esta é também a perspectiva de Édila Marta Miranda Lobo do Instituto Federal do Pará (IFPA). No artigo **Educação a Distância como Instrumento de Ensino-Aprendizagem para a Pedagogia da Alternância na EJA**, a autora propõe a inclusão da Educação a Distância (EaD) como ferramenta de ensino a ser utilizada numa

proposta pedagógica inserida na Pedagogia da Alternância. Édila sugere que a EaD seja desenvolvida no tempo comunidade com auxílio de um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) baseado na Pedagogia Social Construtivista, cujo foco está na colaboração para criação de uma comunidade virtual de aprendizagem. Como aporte teórico a autora traz Dee Fink para as questões relativas à Aprendizagem Significativa, Lev Vygotsky com a Zona de Desenvolvimento Proximal e Monica Luque com o conceito de Matriz Humanizante.

Finaliza esta edição o Relato de Experiência **O projeto educativo de uma professora na perspectiva freireana: a narrativa de uma práxis emancipadora** de Daniela Gobbo Donado Gazoli (Unicamp), Adriana Alves Fernandes Costa (UFRRJ) e Sérgio Antônio da Silva Leite (Unicamp). Os autores trazem a narrativa de uma professora dos Anos Iniciais da Educação de Jovens e Adultos sobre o trabalho desenvolvido com 16 educandos com idades entre 60 e 94 anos participantes do Projeto de Alfabetização de Idosos (ALFI), desenvolvido em parceria entre as secretarias municipais de Educação e Promoção Social de uma prefeitura localizada na região metropolitana de Campinas, São Paulo. O texto dialoga com Freire na medida em que aborda os conceitos freireanos relacionando-os com as atividades desenvolvidas pela professora permitindo o enriquecimento da reflexão sobre praxis analisada.

É oportuno dizer que Educação e Trabalho, como não poderia deixar de ser, é o grande tema que permeia todos os trabalhos dessa edição.

Claudia Hickenbick
Elenita Eliete de Lima Ramos